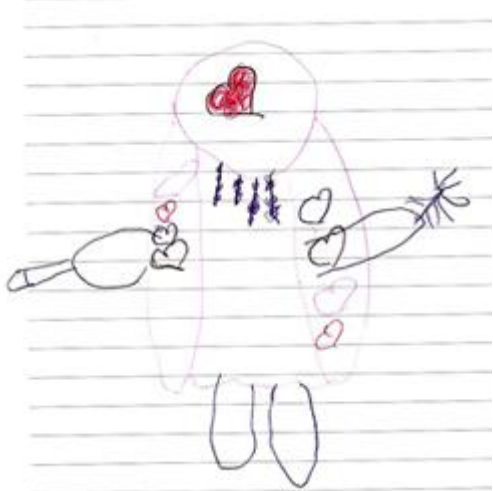


## Inventando o Futuro

### DESENHOS QUE PODERIAM APROXIMAR

*Stela Guedes Caputo*



No dia 18 de dezembro de 2004, Iansã (Oya), orixá dos ventos era homenageada no terreiro de Mãe Palmira, em Mesquita, na Baixada Fluminense. Cheguei ao terreiro às 4h da madrugada e tudo já estava

enfeitado de rosa. Logo na entrada do barracão, à esquerda da porta, vejo uma cabra amarrada e enfeitada com um grande laço branco. No banco, ao seu lado, azeite de dendê, plantas para o ritual e mais dois grandes engradados cheios de galinhas, pombos e patos que também serão oferecidos. Quase ao final da festa, Iansã chega e incorpora na Mãe de santo. A alegria é geral, as energias se redobram, a festa recomeça. Todos dançam, inclusive as crianças, fazendo a saudação para a grande orixá: "*Èpá heyi Iansã!*" Iansã permanece entre seus filhos e filhas por uma hora e meia. Antes de ir embora, ela entra em seu quarto e manda chamar Luana, na época com 4 anos, neta de Mãe Palmira. A menina entra e fica lá por alguns momentos, depois sai. Iansã revelou seu destino, definiu seu caminho: ela será a sucessora de Mãe Palmira e assumirá do terreiro quando a avó morrer.

Pouco antes da festa acabar nos sentamos, Luana e eu, no banquinho do lado de fora do barracão. Ela pega meu caderno de campo que sempre utilizo quando estou no terreiro e fica folheando. Encontra uma folha em branco, faz as letras "a" e "e" e começa a desenhar. Pergunto o que é. "*Os orixás*", diz ainda desenhando. "*Quais?*", quero saber. "*Iansã e Oxum, que gosto mais*", diz a menina. Perguntei a ela se ela gostava do candomblé e ela respondeu: "*Demais!*". O desenho de Oxum feito por Luana era um grande coração. Interessante notar que este orixá é associado às energias das águas doces, dos rios, das cachoeiras. Para o candomblé, Oxum é a mãe amorosa, extremamente sensível e carinhosa com seus filhos. Naquele dia não entendi o desenho que Luana fez de Iansã. Tempos depois reparei que a menina dividiu o corpo do orixá exatamente em nove partes. São muitas as histórias que relacionam este grande orixá ao número nove. Uma delas diz respeito ao número de filhos de Iansã. Outra se refere ao número de partes em que seu corpo foi partido em um duelo com Ogum.

E eles se aproximaram, Ogum e Oya. Tudo na floresta saiu do caminho. Os esquilos subiram para as árvores que os passarinhos tinham

abandonado. As próprias árvores se aproximaram uma das outras e se curvaram, cobrindo os ouvidos com os ramos. Estavam cada vez mais próximos. Agora, face a face. Empunharam as varetas mágicas. Pa!Pa! Chocaram-se no mesmo momento. Como foi previsto. Ogum quebrou em sete pedaços. Oya em nove. Por isso os encontramos espalhados por todo o mundo da nossa época (GLEASON, 1999).

Luana também fez outro desenho. "*E esse agora, quem é?*" perguntei. "*É Kotokuto!*", ela disse rindo. "*Kotokuto, que orixá é esse?*", tornei a perguntar. "*É um orixá que eu acabei de inventar!*", respondeu Luana caindo na gargalhada. "*E se pode inventar orixá Luana?*" pergunto já rindo com ela. "*É claro que pode, eu inventei, é Kotokuto e pronto!*", disse a futura Mãe-de-santo antes de sair correndo pelo quintal rindo muito, com sua boneca nos braços. Luana não foi a única criança de candomblé a desenhar fios de identidade em meus cadernos de campo. No dia 6 de junho de 2008, Viviane, 6 anos, neta de Laelson dos Santos, desenhou um Babá egun em outro caderno.

Imagino que estes desenhos não penetrem apenas em minhas anotações de pesquisa a respeito de crianças no cotidiano de terreiros. Desenhos de orixás e eguns certamente chegam à escola levados pelas diferentes redes onde conhecimentos são tecidos. Mas o que fazem professoras e professores com esses fios trazidos de outros *espaçostempos* de aprendizados diferentes da escola? Eles são repreendidos? Criticados? Desprezados? Ridicularizados? Ou são usados para ajudar na tessitura da auto-estima de crianças de religiões afro-descendentes?

Quem na sala de aula já viu um orixá? Quem sabe o que é um egun? Quem sabe cantar para Iansã? Quem conhece um terreiro? Sem querer simplificar a complexa realidade de tensões, contradições e disputas vividas pela escola, são perguntas que valorizariam saberes e narrativas de grupos historicamente subordinados também na escola. A diversidade da sala de aula seria usada para aproximar alunos a alunas e não para o silenciamento e apagamento de culturas não hegemônicas. Quem sabe

assim, teceríamos práticas pedagógicas e vivências escolares com menos discriminação, medo e vergonha?

### **Sobre o(a) autor(a):**

UERJ/Bolsista PRODOC/CAPES.

### **Referências bibliográficas (ou textuais):**

- GLEASON, Judith: *Oya, um louvor à Deusa Africana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- Os eguns são diferentes dos orixás e cultuados em terreiros exclusivos de eguns. O egun é um morto importante para a família ou para o ritual que aparece em festas específicas completamente coberto por uma roupa sagrada. Laelson dos Santos é o dirigente do terreiro de Babá Onilá, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense.